

Aníbal e Clamart – uma leitura de *A geração da utopia*, de Pepetela, e *Viagem à luta armada*, de Carlos Eugênio Paz

Marina Ruivo*

RESUMO

Aqui comparamos as personagens Aníbal, de *A geração da utopia*, de Pepetela, e Clamart, de *Viagem à luta armada*, de Carlos Eugênio Paz, as quais buscam a construção da memória da história recente de seus respectivos países.

Início esta comunicação por meio de um fragmento de Hannah Arendt no qual a autora, analisando a não construção da memória por uma coletividade, e exemplificando com a experiência da Resistência Francesa, considera que:

A tragédia não começou quando a liberação do país como um todo esboroou automaticamente as ilhotas de liberdades, (...), mas sim, ao evidenciar-se que não havia mente alguma para herdar e questionar, para pensar sobre tudo e relembrar. O ponto em questão é que o 'acabamento' que de fato todo acontecimento vivido precisa ter nas mentes dos que deverão depois contar a história e transmitir seu significado deles se esquivou, e sem este acabamento pensado após o ato e sem a articulação realizada pela memória, simplesmente não sobrou nenhuma história que pudesse ser contada. (Arendt, 1979, p. 31-32)

É justamente para evitar que não sobre “nenhuma história” a ser contada, na busca desse “acabamento” de que fala a autora, é que se encontra o ponto central a aproximar *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela,

* Universidade de São Paulo – FFLCH.

e *Viagem à luta armada*, do escritor brasileiro Carlos Eugênio Paz, significado esse que será perseguido aqui, através de uma análise das personagens Aníbal e Clamart, respectivamente.

Como um primeiro aspecto a unir as obras, há de se considerar que os dois textos – o primeiro publicado em 1992 e o segundo em 1996 – aproximam-se pela íntima relação que estabelecem entre literatura e história e, mais ainda, entre literatura e experiência. Ambos narram a história recente das nações de que fazem parte, enfocando, especificamente, os movimentos armados de libertação nacional nos anos 60 e 70, para lutar contra o colonialismo português, no caso angolano, e contra a ditadura militar, no caso brasileiro. Pepetela e Carlos Eugênio Paz viveram esses acontecimentos como atores diretos.

O romance *A geração da utopia* narra, em quatro capítulos, passados em quatro espaços e temporalidades diversos, a história dos nacionalistas angolanos, desde as movimentações, em 1961, na Casa dos Estudantes do Império, quando eclodia a luta de libertação nacional, passando pelo interior da guerrilha do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e pelo início da década de 80, já depois da independência, até chegar ao princípio dos anos 90, com os nacionalistas no poder e a imensa distância entre o projeto dos tempos da luta e a realidade de então. Por sua vez, o livro de memórias *Viagem à luta armada* narra a história da ALN (Ação Libertadora Nacional), tal como foi vivida por seu autor, desvelando o cotidiano dos combatentes, em suas ações militares, amores, sonhos, medos, coragem, companheirismo, ternura. Em paralelo, sem divisão de capítulos, num ir e vir constante do presente ao passado, há também outra narrativa que se descortina: a que apanha o momento posterior à derrota dos guerrilheiros, com a dor e a tristeza profundas que invadiram o ex-combatente Clamart. Essa obra pode ser considerada, mais propriamente, como literatura de testemunho, pelo entrecruzamento de documento de um período da história brasileira com a narrativa literária.¹

¹ As considerações de Alfredo Bosi sobre esse “tipo de escrita” permitem que se perceba como *Viagem à luta armada* localiza-se nesse entre-lugar, simultaneamente história pública e “um foco singular de visão e elocução. (...) subjetivo”, aproximando-se da “narrativa literária em primeira pessoa”. Seu compromisso é duplo, com a história e com a ficção. “A escrita do testemunho em Memórias do cárcere. In: Estudos avançados, n. 23, p. 309-322.

A geração da utopia e Viagem à luta armada encontram-se, fundamentalmente, por sua proposta, a de realizar um balanço da experiência levada a cabo pelos movimentos de libertação nacional e, simultaneamente, defender a retomada do projeto. Dessa forma, as obras percorrem um caminho que vai do momento da luta, do intenso encanto do projeto, passando pela derrota, com seu conseqüente desencanto, para então fazer o balanço dos eventos ocorridos e introduzir a insistência na defesa do projeto. É interessante perceber como o desencanto é tomado não como ponto de partida para a negação do projeto, mas para sua radical reafirmação. O percurso aqui assinalado é explicitado nas obras pela trajetória das personagens escolhidas para a análise, Aníbal e Clamart.

No romance *A geração da utopia*, é a personagem Aníbal a que, através de seu percurso extremamente singular, reúne as duas características principais da obra: realizar um balanço da experiência da geração dos nacionalistas revolucionários e defender a continuidade da luta. Desde “A casa”, primeiro capítulo do livro, o qual apresenta o ambiente de florescimento da consciência nacional vivido pelos estudantes angolanos na metrópole, Aníbal é aquele que se diferencia e destaca. O narrador em terceira pessoa, utilizando-se da onisciência seletiva múltipla,² acompanha nesse primeiro capítulo a personagem Sara, uma estudante de medicina defensora da luta de libertação. É através do olhar de Sara que, fundamentalmente, vamos conhecendo Aníbal. Trata-se de um intelectual já formado em Histórico-Filosóficas, militante da causa da libertação, mais especificamente do MPLA. É aquele que deserta do exército colonial, convocando ao exemplo os outros angolanos residentes na então metrópole. Para Sara, como também para diversos outros angolanos da Casa, Aníbal é aquele que aconselha, o que faz primeiramente as coisas, o que se lança à vanguarda, o que é dotado de responsabilidade diante do mundo, por-

² De acordo com a tipologia de Norman Friedman, a onisciência seletiva múltipla, ou multisselectiva, caracteriza-se pelo uso do discurso indireto livre, permitindo que se revele a interioridade das personagens através delas mesmas. No caso, este discurso abrange mais de uma personagem e, especificamente em *A geração da utopia*, há a predominância pela interioridade de um personagem a cada um dos quatro capítulos que compõem a obra. Cf. Ligia Chiappini Moraes Leite. *O foco narrativo*, p. 47-54.

tador de autoridade; é, em suma, o *mais-velho*, pensando-se também no significado que tal expressão possui nas culturas tradicionais angolanas, ou seja, o que possui a sabedoria e inicia os novos no mundo.

Em *Viagem à luta armada*, a personagem que sintetiza a proposta da obra é Clamart, o protagonista do enredo. No período guerrilheiro, trata-se de um indivíduo bastante jovem: a entrada na organização se deu entre seus 16 ou 17 anos. No entanto, sua atuação é extremamente destacada, ocupando postos nas Coordenações Regional e Nacional, comandando grupos e equipes de fogo. Clamart atua em dois sentidos. Por um lado, é o que busca convocar à ação pelo exemplo; sua companheira, Marcela, diz que ele “age como um exemplo a ser seguido” (Paz, 1996, p.32)³ e ele avalia: “(...) sou um comandante, tenho que estar na frente, como Fabiano dizia e fazia” (p.32), revelando, inclusive, uma das concepções cruciais da ALN, que era a de que os dirigentes participavam integralmente das ações.⁴ Mas Clamart é também o que se julga ainda inexperiente, necessitando das diretrizes dos mais-velhos Fabiano e Diogo (que, no livro, representam Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, o Toledo), como se vê por esse trecho:

Não quero perder Diogo, audácia tenho de sobra, meu corpo é obediente aos reflexos, atiro bem, mas sou jovem, me falta tempo de vida. Diogo é veterano de muitas lutas, enfrentou a ditadura de Vargas, foi perseguido, preso, torturado e não falou nada na porrada, conhece bem a história do país, é culto e inteligente o suficiente para enxergar além dos combates do cotidiano. (p. 36)

³ Carlos Eugênio Paz. *Viagem à luta armada*, p. 32. As próximas citações serão seguidas da referência entre parênteses, no próprio corpo do texto, antecedidas pela sigla VLA.

⁴ “Nas palavras do próprio Marighella, em agosto de 1969: ‘Os dirigentes de nossa organização não podem provir de eleições. Os dirigentes surgem da ação e da confiança que despertam pela sua participação pessoal nas ações. Todos nós somos guerrilheiros, terroristas e assaltantes e não homens que dependem de votos de outros revolucionários ou de quem quer que seja para se desempenharem do dever de fazer a revolução. O centralismo democrático não se aplica a Organizações revolucionárias como a nossa. Em nossa Organização o que há é a democracia revolucionária. E a democracia revolucionária é o resultado da confiança no papel desempenhado pela ação revolucionária e nos que participam da ação revolucionária’. Ridenti, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*, p. 52. Carlos Eugênio Paz assim escreve em outro momento de sua obra: “A nossa é uma organização que se caracteriza por ter sido liderada por dois comandantes que iam na frente, alguns consideram um erro, eu considero um privilégio.” (p. 197)

Clamart é o precoce, o novo que se destaca, mas que julga necessitar de mais experiência, quando pensa em Fabiano e em Diogo, combatentes de lutas anteriores. Nesse tocante, aproxima-se e afasta-se de Aníbal, simultaneamente.⁵

Voltando à *A geração da utopia*, vamos encontrar Aníbal, no capítulo 2, já na guerrilha, na Frente Leste, com o nome de guerra de Sábio. Sua confiança na possibilidade dos angolanos conseguirem a vitória da revolução, contudo, sofreu alguns abalos. A situação da guerra era complexa, a corrupção tornava-se uma prática comum, no sentido oposto ao do projeto de igualdade, justiça, liberdade. Mesmo assim, Aníbal ainda vê possibilidades e procura propiciar o novo. No capítulo “A Chana (1972)”, percebe-se sua busca em transmitir experiência a Mundial, seu mais-novo. Todavia, nesse romance, escrito quando a derrota do projeto já era um fato, mesmo essa relação entre um mais-velho e um mais-novo é frustrada no tempo da guerrilha, diferentemente do que ocorrera em *Mayombe*, romance de 1971, do mesmo autor. Em *A geração da utopia* a guerrilha é vista pelos olhos de Mundial – a quem o narrador acompanha, ainda que marcando sua grande distância com relação a essa personagem. Ainda que o tom geral seja já o do desencanto, Aníbal não perdeu completamente a liderança de sua geração, sendo ainda um parâmetro, em muitas situações, para Mundial, mesmo que o exemplo já seja bastante desprovido de força, de influência, como se percebe pelos desejos de glória e poder alimentados pelo mais-novo Mundial. Na guerrilha, desse modo, Aníbal, abalado diante da ameaça ao projeto, mostrava sua insistência na necessidade de tentar corrigir os problemas percebidos, embora se tornassem cada vez mais complexos.

Em *Viagem à luta armada*, Clamart, como guerrilheiro urbano percorrendo os espaços do Rio de Janeiro e de São Paulo, apesar de todas as dificuldades vividas, é extremamente esperançoso da vitória. Com as quedas sucessivas, com um assassinato, com pouco menos de um ano de diferença de Fabiano e de Diogo, continuar as ações armadas era, para ele, manter a chama da luta acesa. Há, todavia, diversas discussões entre os combatentes da ALN sobre

⁵ Sobre a relação entre um mestre e um discípulo, conferir o belíssimo trabalho de Georges Gusdorf *Professores para quê?: para uma pedagogia da pedagogia*.

os rumos a tomar, sobretudo no que se refere ao lançamento da guerrilha rural, objetivo central da maioria das organizações armadas, que só logrou ser atingido pelo PC do B, com a Guerrilha do Araguaia (Ridenti, 1993). Debatem também as maneiras para evitar a entrega de informações à repressão e, nesse ponto, Clamart é bastante incisivo, defendendo o “fechamento” interno da organização, o extremo cuidado com as informações. Narrando os diversos episódios da guerrilha urbana, Carlos Eugênio Paz leva-nos ao cerne da luta armada, a suas entranhas, com seus momentos trágicos, como a morte de Fabiano, e a seus momentos de descontração, com as brincadeiras e o carinho existentes entre os combatentes, lutando para preservar sua ternura.

Para a leitura que aqui se desenvolve, interessa especialmente acompanhar Aníbal a partir do terceiro capítulo de *A geração da utopia*, quando ele julga que já houve a derrota do projeto e está desencantado. Nesse capítulo, Aníbal é finalmente desvendado em sua interioridade, graças ao recurso da onisciência seletiva múltipla, já aqui referido. Ficamos, então, sabendo que não só Angola, mas também Aníbal mudaram. E, para essa percepção, é interessante a referência que a personagem faz de si, assinalando suas “vidas anteriores” (Pepetela, 1995, p. 191).⁶ Busquemos, portanto, compreender melhor o caráter dessa mudança.

Aníbal é agora “alguém marcado pelo passado”,⁷ nas palavras do próprio autor, que busca romper com a estrutura de poder instaurada pela independência, bem como retomar um projeto de outro passado seu, da infância. Mora numa baía praticamente deserta, isolado de quase todos, como um “mártir eremita, que se lamenta pela vida que escolheu” (AGU, p. 194). Isso é extremamente estranho às personagens do livro – e ele é considerado inclusive como um “louco” (AGU, p. 200), por muitos – e também pelos leitores, já que o percurso esperado era o da participação no governo. Aos poucos, todavia, reconhecem-se suas características principais: a preocupação com a vida miserá-

⁶ Pepetela. *A geração da utopia*, p. 191. Para as próximas citações desta obra, será feita a indicação no próprio corpo do texto, através da sigla AGU, seguida do número da página citada.

⁷ Declaração de Pepetela em encontro com pesquisadores da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 5/5/2000.

vel que o povo leva; a própria atividade da qual sobrevive, a pesca, que guarda íntima relação – explicitada – com os combates guerrilheiros; o tom crítico.

Viver de uma atividade extrativa, a pesca, aponta metaforicamente para sua discordância com o sistema. Aníbal não abandonou Angola, ainda tem esperanças, mas, não querendo participar do poder tal como foi estruturado, mergulhou profundamente em sua nação, objetivando aprender com o povo, com suas múltiplas tradições culturais, o que se percebe em sua relação com o vizinho pescador Ximbulo e em suas constantes visitas aos deslocados de guerra. Tornar-se um mergulhador é a imagem de sua procura por essa outra sabedoria, tentando perceber que os erros também estiveram neles mesmos e procurando novas alternativas, partindo de velhos conhecimentos.

O desejo de partir da tradição, incluindo-a para construir o novo, é afirmado pelas palavras e gestos de Aníbal. Palavras que, aliás, continuam sendo um traço característico dele. Isolar-se em uma baía quase deserta revela, mais que fuga dos problemas e ausência de responsabilidade, o seu desejo de romper com aquilo que não concorda e marcar sua discordância, sua diferença. Romper com a situação atual é também permitir que o passado morra – passado que teve participação, de uma forma ou de outra, para a criação do presente vivido – não para que ele se perca, desprovido de memória, mas, contrariamente, para dar-lhe o caráter de passado, de experiência vivida, visando propiciar novas experiências. A mudança de Aníbal parece ser, diante do desencanto provocado pelo desmoronar da utopia como modo de vivência da realidade, uma mudança das formas e modos de sua atuação, mas permanência nos questionamentos e na busca de propiciar o novo. Dessa maneira, por um lado, já a tristeza que sente ao perceber as desigualdades, a crueldade da guerra, os males todos (seu desencanto) é um traço da persistência, nele, do próprio encanto da luta, esperança de tudo sacudir e recomeçar de novo.

Quando Sara chega à baía e eles se reencontram após quase vinte anos, Aníbal consegue finalmente desvelar-se, narrando a razão mais profunda para ter se refugiado naquele preciso lugar: necessitava matar o polvo que tanto o amedrontara na infância e que o perseguira durante toda a vida, em seus pesadelos. Aí então é que se faz possível a percepção da busca da realização de um projeto, já que o projeto de sua geração havia sido desfeito. Ao mesmo tempo,

o combate com o polvo, sendo um combate com o passado, é também o combate ao que ele chama de Segundo Estado,⁸ ou seja, com tudo que fez com que o projeto se desviasse dos rumos desejados. O combate é esperado e adiado, só podendo acontecer após a narração a Sara, que é o que lhe possibilita estar pronto para agir e matar o polvo. A caça é, entretanto, razão de mais frustrações, pois não se tratava do monstro esperado, senão de um “polvinho” (AGU, p. 249). Mas, ainda assim, é fonte de um novo capítulo em sua vida: “Sabia, tinha envelhecido nesta manhã. Nunca mais nada seria como antes, ia faltar sempre o polvo” (AGU, p. 249).

Aníbal, que falara a Sara que morrera e se desencantara (aliás, considera que toda sua geração morreu), morre como ator direto das transformações, criando-se um novo papel. Velho, cabe a ele também ser um guardião da experiência, criando uma tradição da libertação. E sua aposta na utopia é reforçada ao plantar, em sua casa afastada do centro de poder, uma mangueira a que dá o nome de Mussole, sua amada do Leste. Fazendo-o, permite que o espírito de Mussole habite a árvore, espírito que é o “espírito das chanas do Leste”, portanto da luta, da guerrilha, da utopia, da revolução. A mangueira Mussole é a imagem da persistência, sugerindo a necessidade de constante mudança e realização contínua do prazer, da utopia. O epílogo deste capítulo diz:

O espírito tinha de novo adormecido, talvez por anos, à espera de novo cataclismo universal. No entanto, todos os dias, ele sabia, havia de regar a mangueira, acariciar o tronco e falar para ela, cada vez mais velho e fraco, mais descrente também, na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia dormitando. (AGU, p. 254-255)

⁸ Uma das anotações do bloco de Aníbal é: “Antes da Revolução de 1789, havia em França três Estados: a nobreza, o clero e o povo, nesta última noção estando contida a burguesia. Aqui também há três Estados: a burocracia dirigente, os candongueiros e o povo. Contrariamente a França, não é no Terceiro Estado que estão as forças que tomarão o poder. Aqui são os candongueiros, que hoje crescem à sombra de pequenos negócios mais ou menos lícitos, de transporte de pessoas ou mercadorias, trocas desiguais com o camponês ou pequeno comércio nas cidades, desvios e roubos, falsificações de documentos, que estão a acumular capital, a constituir-se numa classe selvagem de empresários. Entre o Primeiro Estado há também candongueiros, geralmente ligados por laços familiares. Quando a casca da utopia já não servir, vão despudoradamente criar o capitalismo mais bárbaro que já se viu sobre a Terra.’ (...) O polvo também fazia parte do Segundo Estado, tinha tentáculos que entravam por toda a parte, agarrando lulas e peixinhos desprevinidos, para os tragar selvaticamente” (AGU, p. 232-233).

No quarto capítulo, Aníbal, em meio a uma Angola tomada pelos “neoburgueses” (AGU, p. 307), já está investido de um novo papel. No encontro com a nova geração, é o detentor de uma sabedoria, defendendo a importância da transmissão de experiências. Aníbal invoca o que o próprio romance vem realizar, propiciando a contínua geração da utopia.⁹ A conversa entre ele e Orlando, namorado da filha de Sara, Judite, é exemplar para a percepção desta noção, por isso transcrevo-a:

— Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo — Disse Orlando. — Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm 30 anos, não sei. Fomos castrados à nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Fiz parte duma base de pioneiros à entrada da Ilha, onde morava. Vivíamos para aquilo. Marchávamos, ouvíamos os relatos dos mais velhos vindos das matas, cantávamos as canções revolucionárias, inventávamos aquela marcha-dança que se espalhou por todo o País, misto de fervor patriótico e imaginação criativa. E depois quiseram enquadrar-nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são os futuros soldados. (...) Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de se dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém en-

⁹ Russell Hamilton, em sua conferência “A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-Colonial”, comentou: “Entre as narrativas que questionam aspectos da atual construção nacional nos PALOP, *A geração da utopia*, de Pepetela certamente qualifica-se como uma obra-prima do gênero. Ao contrário do caso de *Mistida*, o título deste romance angolano não apresenta nenhum problema quanto ao seu significado. Por outro lado, talvez sim apresente problemas relativos a mais de um nível de significado. Por via das dúvidas, encontrando-me na companhia de Pepetela durante a minha passagem por Lisboa em dezembro de 1997, atrevi-me a perguntar ao ilustre escritor se o seu título quer dizer ‘a geração que vem da utopia, que procura a utopia, que é utópica, ou quê?’. Pepetela ficou calado, pensando. Finalmente, ele respondeu dizendo que era uma boa pergunta, mas que infelizmente não sabia dizer com toda a certeza o que significa. Ele acrescentou, porém, que pode ser que o título abranja todas as possibilidades a que eu tinha aludido na minha pergunta. Ora bem, para quem leu o romance com cuidado, esta resposta faz sentido. O que quero dizer com isso é o seguinte: os que já leram *A geração da utopia* talvez se lembrem que o romance termina com um epílogo não epílogo que diz (...). A história da geração da utopia retratada no romance é, metaforicamente, a história da Angola colonial e pós-colonial. O passado recente, assim como o presente e o futuro da nação angolana constituem um espaço temporal, geográfico, social, político e cultural sem definições restritas. O romance, enfim, é como a própria pós-colonialidade. Como dizemos em inglês, é ‘opened’, ou seja, sem encerramento definitivo”. In: *Via Atlântica*, n. 3, p. 21.

tendia, afastamento de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farças. Sem meta na vida.

— Tens razão – disse o Sábio. — O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projecto, uma bandeira. No fundo, é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. Como um pai que, ao oferecer um brinquedo ao filho, o monopoliza, só ele brinca com ele, a pretexto de que o filho o vai estragar. Não é mesmo tragicaburdo? (AGU, p. 303-304)

Ainda que apresentando em seu último capítulo a sociedade angolana vivenciando uma perda geral de sentido (com o culto a “Dominus”, organizado pelo ex-protestante Elias, conjuntamente a Malongo, agora um empresário, e a Vítor, Ministro), pelas palavras e atos de Aníbal, que “baixa a arma” (AGU, p. 308) ao verificar que alguns dos novos pensam e discutem os rumos da nação, e por seu Epílogo que se recusa como Epílogo, já que a história de Angola continua, *A geração da utopia* aponta para novas formas de luta e para novas esperanças de transformação.

Já *Viagem à luta armada*, de outro modo, inaugura-se com o ex-guerrilheiro após a derrota, com o que surpreende os leitores, os quais, num livro com tal título, esperariam encontrar exclusivamente uma narrativa da guerrilha. O texto não somente se inicia com o pós-luta armada, como com o narrador-personagem vomitando em seu banheiro, após ter injetado heroína, compondo um “quadro repugnante” (Paz, 1996, p. 15). Súbito, portanto, há um redirecionar de nossas expectativas, e nos interrogamos acerca da identidade dessa personagem, isolada em seu banheiro como Aníbal em sua baía. Clamart lava-se e imerge em sua banheira – como Aníbal, também mergulha, mas não no mar, senão no espaço interno de uma banheira. Seu mergulho é mergulho em suas vivências passadas, em seu eu anterior, pois, assim como Aníbal, ele também mudou. É em sua banheira de água quente que fuma haxixe e reflete sobre as diferenças entre seu passado e seu presente, o que faz a partir das drogas de que necessitou/necessita, metonímias de um estilo de vida. No passado da guerrilha era a adrenalina, que lhe permitia mover-se para a ação; no

presente, são a heroína e o haxixe, consumidos no isolamento, revelando a solidão e a incomunicabilidade desse eu. Não há, dessa forma, espaço para a idealização da personagem guerrilheira, diante de tal quadro composto. O pós-luta armada contrasta terrivelmente com o período da guerrilha, no qual Clamart está em constante movimento, realizando ações espetaculares e que tocam o universo da aventura.

Clamart está agora completamente sufocado pelo peso do passado, e daí passar sua viagem lembrando-se e relembando-se, quase revivendo as situações da guerrilha. São, justamente, suas recordações que compõem a narrativa da luta. No escuro de sua banheira, sozinho e sem contato com o mundo exterior, esse eu vive integralmente a perda de sentido de sua vida. Finda a guerrilha, que infelizmente não venceu a feroz ditadura militar, esse homem imerge na banheira e submerge em sua existência. Isso se percebe não propriamente, ou não apenas, pelo consumo de drogas pesadas, mas por sua incapacidade de agir no presente, de criar uma nova forma de vida. Ainda que procure se refugiar no presente, esquecendo o que viveu, sua vida é pura recordação, puro passado. Passado com o qual ele possui uma relação contraditória: desejaria apagá-lo por completo, esquecê-lo, para viver o presente livre de seus fantasmas, mas é o próprio passado que lhe preenche integralmente a vida presente. E será do passado, justamente, que este eu irá encontrar a chave que vai lhe permitir encarar a vida, presente, passada e futura.

A banheira em que está o narrador – uma “banheira uterina, espécie de túnel úmido e quente, onde tudo é permitido” (VLA, p. 16) – não é somente uma ponte para o passado, senão que também para o futuro. É um túnel, uma via de passagem que lhe permite lembrar e também prosseguir rumo à construção de um futuro diferente de seu presente de estagnação. Para tal, Clamart necessita expurgar a culpa que lhe oprime, que não é por ter participado da luta, mas por ter sobrevivido. Afinal, suas opções eram a vitória ou a morte, não a sobrevivência com a derrota: “— Agora é guerrilha urbana de verdade, Aureliano, até a vitória ou a morte, como o Che” (VLA, p. 96). Enquanto a grande maioria de seus companheiros morreu, ele sobreviveu, mas sobreviver só fazia sentido se fosse rumo à vitória, não com a derrota. Viver para a luta era o que de mais importante havia, e sua alegria em escapar do cerco policial no

primeiro episódio de ação do livro – “como é bom viver...” (VLA, p. 21) – contrasta terrivelmente com sua constatação posterior

Culpas e dores. Se estivesse com ela, Marcela estaria viva, se estivesse com todos no momento preciso, estariam todos vivos, eu era bom de briga e de fuga, era mais feroz e cruel que eles. Devia ter morrido, como Célio, como um herói, salvando vidas. Aprendi a sobreviver, não me serve de nada, não sei viver. (VLA, p. 79-80)

É preciso reencontrar algum sentido em estar vivo e o ex-guerrilheiro percebe que necessita criar uma nova vida no lugar do profundo vazio deixado pela derrota. Para tal, aos poucos, percebe que necessita de um auxílio:

Vida, morte, recordações, culpas... posso ficar o resto de minha vida na banheira e em meus túneis. Dane-se a realidade, não tenho forças para vivê-la. Preciso de ajuda... real fora do túnel... real, fora do túnel real... fora do... não consigo sair daqui... será isso loucura? Será isso loucura? (VLA, p. 49)

A solução encontrada será o início de um processo terapêutico, sendo relevante considerar como a obra faz da terapeuta mais uma personagem. As sessões de terapia são focalizadas, de modo fragmentário e, lentamente, com idas e vindas, percebe-se o caminhar deste indivíduo. Os diálogos das sessões compõem, sendo feita inclusive uma referência metalinguística ao livro que estamos lendo: Helena, a terapeuta, pergunta “Como vai o livro?”, obtendo como resposta: “— Escrevo penosamente, choro, as palavras saem aos trancos, é um vômito. Nem sei se tem algum valor, mas não é possível parar, vou até o fim, seja o que for. Por enquanto são histórias soltas, me falta um fio para costurá-las” (p. 155). Aqui se revela quão emblemática era a cena inicial do livro, quando o narrador-personagem vomita. O vômito põe para fora o que já não pode mais ficar dentro, o que prejudica. Para criar-se uma nova vida, a partir do passado, é preciso conseguir pôr para fora esse mesmo passado. Clamart precisa conseguir narrar o que viveu, organizar sua vivência. Assim, a saída do ciclo em que se encontrava a personagem está no narrar o passado, pela palavra oral e pela escrita, quando então permite, inclusive, que todos vivam através de sua narração: “Que bom que está vivo, vivemos em você...”

(VLA, p. 184). Narrando, Clamart permite, fundamentalmente, a sobrevivência do projeto.

Ao narrar a Helena todos os acontecimentos, atravessa a morte de Poeta, considerada como a abertura de um novo ciclo em sua vida. Se no passado essa morte possibilitou um endurecimento do combatente, narrá-la no presente propicia o enfrentamento do passado, o compromisso com a história, tal como o combate com o polvo para Aníbal. É preciso conseguir narrar o episódio mais obscuro da ALN: o justicamento de Mário, um companheiro da Coordenação Nacional, em decisão tomada por Clamart, Marcela, Hermes e Célio, por temor de traição.¹⁰ Narrando-o, Clamart enfrenta seus fantasmas e liberta-se para assumir um novo papel: transformando a vivência em experiência e tirando a força de sua narrativa também das próprias mortes que viveu, torna-se um narrador, no sentido que a ele deu Walter Benjamin. Narrar é “intercambiar experiências”.¹¹ Na decisão de narrar esse controverso episódio torna-se nítido o sentido de compromisso com a história:

— (...) já posso me encarar, não importa que outros não assumam comigo, prometi a Felipe prestar contas à História... Mário não pode passar por traidor, e os companheiros que tomaram a decisão e executaram a sentença não podem ser conhecidos como frios assassinos políticos que matavam para tomar o poder na Organização. Nossa luta não será relegada a uma aventura inconsequente que chegou a extremos devido a esse ou aquele companheiro que fraquejou ou tomou a decisão errada. Se continuamos puros de propósitos, temos que vasculhar tudo, como Fabiano me recomendou, revolver a lama e o lodo, para entendermos os fatos numa dimensão histórica, não para acusar. (...) Fabiano e Digo me ensinaram por outra cartilha, não assumirei o papel de vítima, fomos combatentes de uma causa justa... contra as armas, a opressão e a tortura, usamos a violência dos oprimidos e fomos derrotados. Cometemos nossos erros, temos que reconhecê-los e aprender com eles. Renunciar a isso é um pecado que não cometerei, estaria traindo... (...) (VLA, p. 206)

¹⁰ Episódio este que já rendeu muita polêmica, como se percebe pelas reportagens publicadas no *Jornal do Brasil*: Valdir Sanches. “Dirigente conta como ALN eliminou militante”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7/6/1987. Idem. “Esquerda revê luta armada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6/7/1987.

¹¹ Walter Benjamin. “O narrador (Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov)”, in: *Obras escolhidas*, v. 1.

A outra forma que encontra para resgatar o passado de modo a expurgar a culpa é justamente pela escrita. Ao escrever, consegue reorganizar sua experiência e compartilhá-la com um público virtual infinito. Não apenas rompe o isolamento, mas se reconstitui plenamente, já que se cria uma nova missão. Narrar é, portanto, catarse, única possibilidade de criação de vida. Clamart torna-se um guardião da memória social brasileira, ao menos de uma parte bastante importante dela. A vivência torna-se fonte de reflexão e chamamento às novas gerações.

Ao fazer um balanço da experiência, prevalece o dado positivo da luta, o que é um traço bastante particularizador desta obra em relação ao conjunto de depoimentos de ex-guerrilheiros, os quais no geral procedem a uma negação do vivido. Em *Viagem à luta armada*, contudo, a paixão pela luta é perceptível desde a dedicatória da obra, sendo afirmada em diversos momentos, como através da metonímia do vocabulário usado então:

Companheiro, ternura... ternura, companheira... Direi essas palavras quantas vezes for preciso, ainda que rompa os estilos, que fira a sensibilidade dos literatos e dos que não viveram e não podem compreender. Era uma época de excessos, exceções existiram, mas demos a vida por ternura e companheirismo. Esse é meu estilo, gosto dele... (VLA, p. 176)

A perspectiva do exemplo e do convite às novas gerações é explicitada em vários trechos da obra, convocando os novos a fazer da “história um guia para a ação presente”, nas palavras de Carlos Eugênio Paz:

Rafael foi trucidado, tentaram manchá-lo com mentiras mas só conseguiram matá-lo. Na memória daqueles tempos, quando a História der a palavra final, ele será lembrado como exemplo para as futuras gerações, aquelas que saberão que nem todos se calaram. (VLA, p. 170)

A nós, cada um com sua parcela de culpa, heroísmos, compreensões, defeitos e grandezas, é reservada a honra de termos participado da mais bela utopia de nossa história e de termos sido contemporâneos do Che e de Fabiano, (...). O mais importante não foram os erros, foram os exemplos, a rebeldia poética, a vocação quixotesca, a dignidade de dizer não quando o mais fácil era dizer ‘sim, senhor’. Eu me orgulho de ter conhecido Fabiano e lamento não ter conhecido o Che. Não tenho medo dos erros, me ensinam a viver. (VLA, p. 132-133)

Clamart torna-se um narrador, e é isso que possibilita, principalmente, a aproximação de seu percurso ao de Aníbal. Ambos se encontram em alguns aspectos: são combatentes que participaram ativamente da luta pela construção de uma nova sociedade e que, em momentos diferentes, foram derrotados. Com a derrota, isolam-se, procurando encontrar formas para lidar com o passado, o presente e o futuro. Encontram como novas armas as palavras e, com elas, pesam o vivido, abordam os erros e os acertos, fazendo deles fonte de reflexão e chamamento a novas lutas, com novos atores, constituindo a tradição libertária. *A geração da utopia* e *Viagem à luta armada* são obras de autores/atores que realizam um balanço da experiência e uma proposta de novos sonhos, significados expressos fundamentalmente pela trajetória das personagens Aníbal e Clamart.

A análise dessas duas obras acentua a importância da própria pesquisa científica para a realização da proposta de balanço e retomada do projeto. A pesquisa científica tem o compromisso de contribuir para a construção da memória social da coletividade e, simultaneamente, apontar para a construção do futuro. É, no momento atual, cada vez mais urgente a presença de uma pesquisa mais e mais participativa e engajada na sociedade de que faz parte.

Para finalizar, tendo abordado duas obras que tanto defendem o papel das gerações, velhas e novas, convoco a palavra de Frantz Fanon, autor bastante relevante para o continente africano e para todo o contexto de luta do Terceiro Mundo: “Cada geração deve numa relativa opacidade descobrir sua missão, executá-la ou traí-la” (Fanon, s./d., p. 171).

ABSTRACT

Here, we confront the characters Aníbal of Pepetela's *The generation of utopia* and Clamart of Carlos Eugênio Paz *Journey to the armed fight*, who try to construct the memory of recent history of their respective countries.

Referências bibliográficas

- ARENDT, Hannah. A quebra entre o passado e o futuro. In: **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 28-42.
- BENJAMIN, Walter. O narrador (considerações sobre a obra de Nikolai Leskov). In: **Obras escolhidas**. v. 1. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed./10ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em **Memórias do cárcere**. In: **Estudos avançados**. São Paulo: IEA/USP, v. 9, n. 23, jan./abr. de 1995. p. 309-322.
- FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s./d.
- GUSDORF, Georges. **Professores para quê?: para uma pedagogia da pedagogia**. Trad. M.F. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HAMILTON, Russell. A literatura dos Palop e a teoria pós-colonial. In: **Via Atlântica**. n. 3. São Paulo: Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP, 1999, p. 12-22.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou a polêmica em torno da ilusão). 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- PAZ, Carlos Eugênio. **Viagem à luta armada: memórias romanceadas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- PEPETELA. **A geração da utopia**. 3. ed. Lisboa: D. Quixote, 1995.
- RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

